

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Comércio

Class.: 22

Data: 23.01.82

Pg.: _____

Delegado nega prisão do missionário Fenício

"Foi má interpretação do amigo missionário". Com essa frase, o delegado regional da Funai, Marco Antonio Levay, desmentiu, ontem, as denúncias do integrante do Cimi (Conselho Indigenista Missionário), Fenício Fritsch, segundo as quais o delegado, juntamente com uma equipe da Polícia Federal, prendeu o religioso e mais dois índios, quando eles foram comunicar o conflito armado entre os índios Kapinawá e os grileiros Zuza e Arlindo Tavares, em Buique. "Eles ficaram no Batalhão de Polícia Militar de Arcoverde porque quiseram", complementou o representante da Funai.

Sobre as "falsas" denúncias do missionário, Marco Antonio Levay, preferiu dizer que "não entendo" porque dessas, mas assegurou que sua missão naquela cidade interiorana foi "de paz" e teve como finalidade a contenção de violência na área. Ele anunciou a chegada na próxima semana, de uma equipe de antropólogos da Funai, procedente de Brasília, a fim de complementar estudos sobre os índios Kapinawás, para saber se são realmente descendentes Kapinawás.

A versão da Funai, através do delegado Marco Antonio Levay, sobre os acontecimentos em Buique é a seguinte: a Diocese de Pesqueira e o próprio Fenício Fritsch, comunicaram à Delegacia da Fundação Nacional do Índio, no Recife, terça-feira passada, a iminência de conflito armado entre os índios Kapinawá e os grileiros Zuza e Arlindo Tavares, o que por sinal vem se repetindo há bastante tempo. O delegado, juntamente com três agentes da Polícia Federal se dirigiram para a área chegando no Batalhão de Polícia Militar de Arcoverde na quinta-feira pela manhã.

No Batalhão encontraram o missionário Fenício Britsch e dois índios que tinham ido pedir ajuda policial. Ali também souberam que o conflito já tinha se consumado, tendo os grileiros atacado os índios com po-

tentes espingardas calibre 12, enquanto os índios revidaram a agressão com frágeis espingardas de chumbo, comumente usadas para abater pássaros no meio rural. Da luta teriam saído feridos levemente os dois grileiros.

Deixaram os índios e missionário no Batalhão de Polícia, onde ficaram porque quiseram", e seguiram para a cidade de Buique, onde fizeram um acordo coletivo na Tribo Kapinawá, na presença de toda a comunidade indígena. Em seguida, foram à casa do grileiro Zuza, em companhia de "Zé Índio", o chefe da Tribo, comunicar o que tinha ficado acertado com os índios.

O acordo: Há anos que os indígenas acusam Zuza Tavares de tomar suas terras e expulsar famílias da área, fazendo um cerco cada vez mais apertado aos índios. A última cerca construída por Zuza foi derrubada pelos índios motivando o último conflito. Através desse acordo, feito com a intermediação da Funai, semana passada, os índios só poderão utilizar a terra para o plantio até o limite dessa cerca, o que, segundo o delegado foi aceito pelas partes.

O acordo verbal não passa de mais um paliativo da Funai e o próprio delegado regional do órgão concorda com isso, mas diz que nada pode fazer enquanto os estudos não provarem que os Kapinawás são mesmo Kapinawás, coisa que só pode ser feita quando a equipe de antropólogos concluir as pesquisas, a serem iniciadas na próxima semana.

Regressando de Buique Marco Antonio Levay e os agentes da PF passaram pelo Batalhão da PM em Arcoverde, comunicaram o acordo realizado aos índios e missionário, liberando-os em seguida. O delegado disse que "liberou" o missionário e índios do Batalhão de Polícia Militar, mas garante que nem sequer pediu a estes para ficarem no Batalhão até a sua volta, muito menos prendê-los, em uma missão meramente "de paz" como aquela.